

CARLA MONTUORI FERNANDES & PATRÍCIA CRISTINA DE LIMA

carla\_montuori@ig.com.br; Patrícia.ppcoc@gmail.com

UNIVERSIDADE PAULISTA (UNIP) | UNIVERSIDADE ESTÁCIO, BRASIL

## A REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA NA WEBSÉRIE HUMORÍSTICA *PORTA DOS FUNDOS*

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre humor e política com base na websérie brasileira do grupo *Porta dos fundos*, analisando como os seus conteúdos representam os eventos políticos e os seus personagens no período de mandato da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). O recorte para a pesquisa se inicia com as manifestações sociais de junho de 2013 e se encerra no desdobramento da crise política, com o início da votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados, em abril de 2016. Como metodologia foi definida a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), aplicada nos seis episódios do grupo cuja temática central era o cenário político.

### PALAVRAS-CHAVE

Política; humor; internet

---

### INTRODUÇÃO

Há muito tempo a política nutre criações humorísticas. Slavutzky (2014) considera o humor como um mecanismo de rebeldia usado para desafiar o autoritarismo e preservar a sanidade de quem o suporta. Citando exemplos como Josef Stalin e Adolf Hitler, o autor apresenta a perseguição ao humor político como ilustração ao seu poder de contraponto.

No Brasil, um exemplo dessa ação ocorreu com a dupla sertaneja humorística Alvarenga e Ranchinho, que cantava anedotas contra o governo de Getúlio Vargas (Pasqualin, 2014). Durante o Estado Novo (1937-1945), Vargas vislumbrou no humor a oportunidade de reforçar a imagem criada do seu governo. Pautados nos acontecimentos políticos, nada passava

despercebido pela dupla sertaneja que satirizava o presidente em seu repertório (Simões, 1995).

Ao trazer o humor para a contemporaneidade, é possível encontrá-lo em praticamente todos os meios de comunicação. Seja nas tiras publicadas nos jornais, seja na televisão com suas *sitcoms* ou na internet nas mais variadas formas, o humor garantiu seu espaço e tem recebido tratamento de destaque. Após o advento da internet, é possível encontrar uma variedade de opções com os mais diferentes níveis de anedotas. A participação do público, que pode se apoderar da produção (Jenkins, 2009) ou produzi-la de forma original, deu à internet o status de conhecimento (leia-se produção) coletivo.

Nesse cenário, a ferramenta de maior alcance de produções audiovisuais pelo público da contemporaneidade parece ser o YouTube. Como resultado da popularização e da profissionalização, o YouTube se tornou um excelente suporte para produções independentes e fez emergir as chamadas webséries, programas seriados produzidos exclusivamente para a internet. A websérie brasileira de maior importância desde que o YouTube tornou-se acessível no Brasil é a produzida pelo grupo *Porta dos Fundos*. Este canal já produziu inúmeros episódios em que retrata a política atual.

Em várias situações, os integrantes fazem questão de informar que não há privilégios ou favorecimentos partidários. Todos estão suscetíveis a serem alvos das piadas. Em sua página no Facebook<sup>1</sup>, no dia 3 de abril de 2016, Antonio Tabet ilustrou a posição do grupo acerca dos movimentos políticos de março de 2016:

cada um de nós no Porta tem uma posição política e cabe ao outro respeitá-la sem prejuízo da amizade que nos uniu. Isso é civilidade. E nós, como grupo, refletimos essa pluralidade no nosso trabalho quando existe mais de um lado da moeda, o que é saudável num país onde política é futebol, futebol é religião e religião é política.<sup>2</sup>

O relato também se justificou pelo imenso número de comentários que classificavam o grupo de “petista”. A divisão política do grupo a que ele se refere é direcionada especialmente a Gregório Duvivier, ativista de esquerda que publica abertamente suas ideias via Facebook e na coluna “Gregório Duvivier: Crônicas”, no jornal *Folha de S. Paulo*. O humorista recebe diariamente críticas às suas ideias e tem seus vídeos mal classificados no canal.

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/aptabet?fref=ts>

<sup>2</sup> Retirado de <https://www.facebook.com/aptabet?fref=ts>

Numa analogia ao humor “que não poupa ninguém” e possui muitos alvos, o *Porta dos fundos* posiciona-se criticamente em relação ao funcionamento do sistema político brasileiro. Diante das frequentes polêmicas e da alta repercussão dos vídeos, este artigo pretende analisar como o conteúdo veiculado nos episódios retrata os principais personagens do cenário político. Trata-se de uma forma de produção humorística que reflete a conjuntura política de maneira irônica, sem poupar críticas aos personagens representados? Acusados de partidarismo, os vídeos do *Porta dos fundos* refletem alguma tendência política? Como metodologia para o estudo foi selecionada a análise de conteúdo (Bardin, 2011), que será mais bem aprofundada ao longo do texto.

## HUMOR, POLÍTICA E INTERNET

O humor é libertador. Assim Freud (1927) define o humor em seu trabalho *O humor*. Ao assumir que o estado humano é determinante para as ações da vida, o autor atenta que o humor é rebelde, não resignado, “o princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias reais” (Freud, 1927, p. 85).

Entendendo o humor como um fator humano, Bergson (1983) afirma que a emoção é inimiga daquilo que ri, e rimos do que encontramos nos momentos de indiferença emocional, quando agimos pelo racional. Helitzer e Shatz (2014) argumentam que existe uma “fórmula” para a composição do humor: um alvo, o exagero na descrição das ações, um pouco de emoção que aproxima o ouvinte da história, a hostilidade apontando o ridículo do que está sendo descrito, o realismo da situação e a surpresa do resultado final.

Balogh, citada por Santos e Rossetti (2012), explica que o humor é crítico, por isso não é encontrado em algumas artes como as pinturas do século XVII, que tinham o propósito de enaltecer o objeto representado. É nesse sentido que Slavutzky aponta: “o humor é inevitavelmente político, pois está sempre na contramão” (2014, p. 195).

Helitzer e Shatz (2014) apontam que o humor não é um mistério, possui fórmulas, métodos, assim como humor e comédia não são semelhantes. Humor é o todo, o conjunto de estado de espírito, uma ligação com o consciente (Freud, 1927). Nos gêneros, é subdividido em sátira, sarcasmo (maldizer), ironia e paródia. A comédia nada mais é do que a interpretação destes formatos de humor. A sátira é uma imitação irreverente que busca valorizar os defeitos de quem está sendo satirizado. O sarcasmo

tem como princípio a intenção do maldizer, do dizer algo para que todos tenham uma imagem ruim do que está sendo objeto do cômico. Já a ironia é uma ferramenta de ataque usada para dizer algo com outro sentido com o objetivo de mudar um comportamento ou uma ação.

Por fim, a paródia é uma releitura cômica, que pode ter sentido negativo ou não. Magalhães (2008) cita ainda o humor negro, processo cujas piadas não se prendem ao “politicamente correto”. No âmbito do humor político, a internet encontrou um recanto produtivo e acolhedor. O pioneiro em produzir humor exclusivamente para a internet é o *Humortadela*. Iniciado em dezembro de 1995 por Sérgio Batista, era um compilado de piadas, *charges* e vídeos.

Plataforma de suporte de vídeos do Google, o YouTube é aberto a qualquer usuário que queira divulgar seu vídeo para diversão ou trabalho. Na web, os grupos usam o humor escrachado para retratar assuntos relevantes do cotidiano dos internautas. Por exemplo, em 2011, o canal Parafernália criou esquetes exclusivas para o YouTube, um formato que em 2012 foi aperfeiçoado pelo *Porta dos fundos*, objeto deste artigo.

O *Porta dos Fundos* produz humor para a web através de esquetes com temas variados e aproximadamente três minutos de duração. A temática das histórias é sempre ligada ao cotidiano ou a fatores históricos que, por algum motivo, voltam a ser assunto nos dias atuais.

## **A REPRESENTAÇÃO DA POLÍTICA NA WEBSÉRIE DO GRUPO *PORTA DOS FUNDOS***

Como metodologia para identificar como a websérie do *Porta dos fundos* representa os personagens políticos, recorreu-se à análise do conteúdo (Bardin, 2011). Para que esta significação fosse possível, as três etapas de análise de Bardin foram cumpridas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados.

Na fase de pré-análise, foram selecionados seis episódios da websérie. Além da temática política, os episódios também foram escolhidos considerando o número de visualizações – mínimo de dois milhões – e as características de representação dos personagens no momento da produção. Todos têm por tema momentos do mandato da ex-presidente Dilma, iniciando-se com as manifestações sociais de junho de 2013 até o desdobramento da crise política, com o início da votação do *impeachment*, em 17 de abril de 2016. Em ordem cronológica, os episódios selecionados foram:

- “Reunião de emergência”, veiculado em 26 de junho de 2013, com 8.614.816 visualizações. O episódio traz a representação cômica de uma reunião entre a presidente e alguns políticos preocupados com as manifestações populares de junho de 2013;
- “Financiamento”, veiculado em 27 de setembro de 2014, com 3.944.567 visualizações. O programa critica de forma humorística a relação entre candidatos e grandes empresas do setor privado, em alusão ao financiamento das campanhas políticas;
- “Alianças”, publicado em 9 de novembro de 2014, com 3.041.233 visualizações. Produzido logo após a reeleição de Dilma, o programa aborda a aliança entre o governo e Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em referência ao país comandado pela política de coalizão;
- “Reunião de emergência 2”, veiculado em 21 de março de 2016, com 3.862.707 visualizações. O vídeo foi produzido logo após as manifestações de 13 de março de 2016 e satirizou a situação da ex-presidente Dilma, a ascensão de Temer como figura de articulação e ações da Polícia Federal junto aos investigados na Lava Jato;
- “Delação”, veiculado em 2 de abril de 2016, até 9 de maio contabilizava 7.045.040 visualizações e 573.729 *dislikes*, ou seja, o recorde de negativas de um vídeo do grupo e uma das maiores avaliações negativas da história do YouTube. Protagonizado pelo militante de esquerda Gregório Duvivier e por Fábio Porchat, o vídeo satiriza a Operação Lava Jato e a seletividade da mídia em divulgar informações dos envolvidos nas investigações;
- “Reunião de emergência 3, a delação 2”, publicado em 11 de abril de 2016, como resposta aos comentários negativos e às acusações sofridas pelo grupo devido ao vídeo Delação. A perda de seguidores e os questionamentos acerca das piadas religiosas também fizeram parte do conteúdo.

Como indicadores para análise, considerou-se uma série de práticas que, ao se incorporar à cultura política brasileira, ainda funcionam como objeto de negociação e trânsito no campo político.

Inicialmente, destacam-se as coalizões partidárias. No Brasil, as coalizões costumam se consolidar nos períodos eleitorais, tendo por base apenas a figura do personagem político, desobrigada da negociação de uma proposta de governo que seja comum aos partidos da aliança eleitoral

(Teixeira, 2004). O funcionamento da coalizão está intrinsecamente ligado a barganhas e chantagens políticas, praticadas por meio da distribuição de cargos públicos, concessão de benefícios, pagamentos de propinas, etc.

Como exemplo das chantagens políticas, vale lembrar que a atribuída campanha eleitoral para a reeleição de Dilma em 2014 foi marcada pelo início da Operação Lava Jato, deflagrada em março de 2014, e pela ampliação de denúncias de corrupção envolvendo partidos e políticos da base aliada, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT) e o PMDB. Nesse contexto, o fisiologismo tornou-se a arma dos membros do Congresso Nacional contra o Planalto.

O estopim para a crise de relacionamento entre a presidente Dilma e as casas legislativas aconteceu em maio de 2013, com a votação da Medida Provisória n. 595/12, a chamada MP dos Portos. Nesta MP, o governo buscava meios de modernização das vias marítimas de exportação/importação. A lei, posteriormente Lei n. 12.815/2013, facilita os processos de exploração e concessão dos portos brasileiros. Eduardo Cunha, líder do partido na Câmara, articulou para que o projeto fosse modificado e, assim, aprovado. Porém, ao ir para a sanção presidencial, foi novamente alterado.

Paralelamente às discordâncias no cenário federal, em junho de 2013, uma sequência de protestos ocorreu em várias capitais brasileiras. Motivadas pelo aumento das tarifas de ônibus, as manifestações se iniciaram pela internet. Em São Paulo, o anúncio do governador Geraldo Alckmin (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) e do prefeito da capital na época, Fernando Haddad (PT), sobre o aumento das tarifas de trens e metrô de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 fez eclodir uma série de manifestações na cidade e em outros locais. Em Brasília, no dia 20 de junho, mais de 100 mil pessoas tomaram a Esplanada dos Ministérios e gritos de “o gigante acordou” e “não é por 20 centavos, é por direitos” ganharam força.

Em 2013, a base do governo já havia se organizado para as eleições que deveriam ocorrer em outubro de 2014. Dilma foi escolhida a representante do bloco para a reeleição ao cargo de presidente. As eleições, que se tornaram as mais disputadas do período posterior à redemocratização, terminaram com a reeleição de Dilma por 51,64% dos votos válidos, apenas 3,28% à frente do concorrente, Aécio Neves (PSDB). O primeiro ano do segundo mandato presidencial de Dilma, em 2015, contou com a eleição de Eduardo Cunha (PMDB) para a presidência da Câmara de Deputados.

Em 2 de dezembro de 2015, após a bancada do PT anunciar que votaria a favor do pedido de cassação de Cunha, por ter mentido no Comitê

de Ética, o então presidente da Câmara aceitou o pedido de *impeachment*, baseado nas chamadas pedaladas fiscais.

A situação política do governo se deteriorou com o vazamento da delação de Delcídio do Amaral na Lava-Jato no dia 3 de março de 2016. Nas informações, o ex-senador acusa Dilma e Lula de intervirem no Supremo Tribunal Federal (STF) para barrar as ações da Polícia Federal. No dia seguinte ao vazamento, o ex-presidente Lula é levado para depor, via condução coercitiva pela Polícia Federal, ao aeroporto de Congonhas, em São Paulo, onde Moro o aguardava.

No dia 16 de março, Dilma nomeou Lula como ministro chefe da Casa Civil. Diante da suposta manobra política, o juiz Moro tornou públicas as gravações telefônicas de conversas entre Dilma e Lula, em que o ex-presidente atacava o STF, chamando-o de “acovardado”, criticando os presidentes da Câmara e do Senado, dizendo ainda que tinha medo da “república de Curitiba”, referência à sede da Polícia Federal.

O episódio da nomeação de Lula enfraqueceu mais Dilma diante dos adversários. No dia 29 de março, numa reunião que durou menos de dez minutos, o PMDB optou por romper com o governo e tornar-se oposição. Após a breve retomada da conjuntura política, percebe-se a presença marcante do embate entre os personagens políticos e as rupturas partidárias como indicadores do estopim que ocasionaram contratempos políticos. Na fase de análise e interpretação dos resultados, as webséries foram analisadas com o intuito de identificar a ocorrência de matérias que comportavam os indicativos estabelecidos na fase anterior.

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os personagens de cada episódio são escolhidos levando em consideração o cenário político do momento da produção. No entanto, alguns se repetem de maneira sistemática. É o caso de Dilma e Lula, além de citações ao PMDB.

É interessante observar como o processo de deterioração da imagem de Dilma cresce de acordo com a ordem cronológica dos vídeos. Em “Reunião de emergência”, Dilma aparece como representante central, colocada na ponta da mesa, numa simbologia clara de liderança.

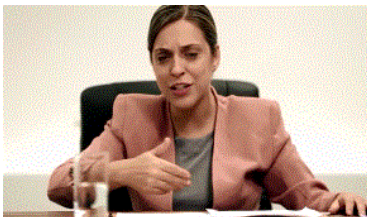
---

 ÁUDIO
 

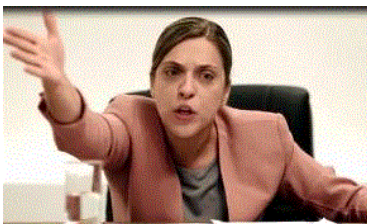
---



Burburinhos.



Mulher: É só um corte de 20 por cento!



Mulher: Gente, é só o tempo de o povo dispersar. Em um mês tudo volta a ser como era antes. Vai voltar campeonato brasileiro, vai voltar Big Brother...

---

Figura 1: Dilma no episódio “Reunião de Emergência 1”

A presidente, mesmo pressionada por outros integrantes da mesa, ainda mantém a liderança e adota um tom conciliador durante a discussão. Isso retrata o momento que Dilma vivia em 2013, após os desajustes com o PMDB e as decisões que contrariavam os acordos preestabelecidos com a base aliada. No vídeo, a presidente também se apresenta preocupada com as manifestações de junho de 2013. Essa postura focaliza a queda da popularidade do governo naquele momento, de 65% como bom/ótimo em março para 30% no dia 28 de junho<sup>3</sup>.

Já em “Alianças”, a presidente é representada como uma pessoa desinformada e submissa às decisões das coligações. Todas as decisões são tomadas pelos assessores e pelo PMDB. No final do vídeo, Dilma aparece limpando o chão e questionando a rigidez dos processos da casa.

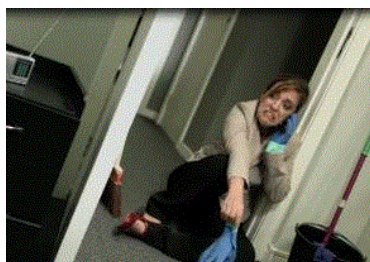
<sup>3</sup> Retirado de <http://datafolha.folha.uol.com.br/>



---

 ÁUDIO
 

---



Mulher: Não tá tranquilo aqui, não, tranquilo, emprego bom, pego décimo terceiro salário, sabe? Plano de saúde, tá tranquilo viu, é não, dá pra aguentar. O pessoal aqui é “brabo” viu vou te “fala” um negócio, que outro dia eu queimei uma camisa me colocaram pra pagar, pois é rapaz só isso ai que tá me invocando aqui.

---

Figura 2: Dilma no episódio “Alianças 1”

Em “Reunião de emergência 2” e em “Delação”, Dilma já se apresenta como “fora do jogo”. No vídeo, Temer aparece como grande articulador, enquanto a presidente está acuada embaixo da mesa.

---

 ÁUDIO
 

---



Homem 1: Tá aqui embaixo, em posição fetal, com punho na boca. Está chorando e babando há duas semanas desde que saíram essas ligações aê. Eu estou interino no lugar dela.

---

Figura 3: Dilma no episódio “Alianças 2”

As ligações citadas no momento em que Dilma é representada no vídeo referem-se às gravações vazadas pela Polícia Federal, no dia 16 de março de 2016, acerca do acordo para tornar Lula ministro. A questão abalou claramente a presidente, que, nos dias seguintes, realizou discursos inflamados contra a ação.

Lula também é citado em quatro dos seis episódios selecionados. Em todas as ocasiões, o ex-presidente é apresentado como alguém temível e que lidera as decisões políticas. No episódio “Reunião de emergência”,

Lula é citado de maneira direta, no final do vídeo, quando um dos componentes da reunião quer saber quem contará ao ex-presidente sobre o que foi acordado na sala.

No episódio “Reunião de emergência 2”, Lula é mencionado como um líder com quem nenhum dos presentes quer lidar. Ao concluírem que o personagem “Linguiceiro de Diadema” assumirá o Ministério da Justiça, um dos presentes questiona se assim o Linguiceiro terá de lidar diretamente com o ex-presidente. O Linguiceiro, que está amordaçado e em uma camisa de força, desespera-se e grita continuamente.

---

#### ÁUDIO

---



Homem 4: É mas aí você vai colocar ele pra tratar direto com o Lula, né?  
 Homem na camisa de força: Hum...Hu.... Hummmmm....

---

Figura 4: Lula no episódio “Reunião de Emergência 2”

A mesma imagem de líder temido é reforçada no vídeo “Delação”, em que o personagem de Gregório Duvivier, um policial federal, se empolga com a notícia de que conseguiu uma forma de emitir um mandado de prisão, em uma clara alusão à sequência de citações do nome do ex-presidente nas ações da Lava-Jato. Por fim, em “Reunião de emergência 3”, a delação 2, Lula é citado como um líder carismático e que cativa multidões.

O PMDB é representado diretamente em três episódios: “Reunião de emergência”, “Reunião de emergência 2” e “Delação”. No vídeo “Reunião de emergência”, um dos personagens fala com forte sotaque e afirma que não irá realizar obras para acalmar o âmbito popular. Ao dizer que “não jogou o Maranhão na merda”, o personagem faz uma clara referência a José Sarney (PMDB), presidente do Senado até fevereiro de 2013 e pertencente à tradicional família política do estado do Maranhão, uma das mais ricas

do país. O estado do então senador apresenta um dos maiores índices de desigualdade social, além da pior infraestrutura educacional do Brasil.

Já Temer é mostrado em “Reunião de emergência 2” como grande articulador. No vídeo, a postura dos componentes da mesa ao lidar com Temer é diferente da postura quando Dilma é figura central. Reforçando a questão da misoginia, há um claro respeito e um tom mais ameno ao apresentar a contradição das decisões que um homem – no caso Temer – toma do que quando é uma mulher a centralizadora. No caso do vídeo, Temer já toma as decisões e encaminha os processos, antes mesmo do afastamento de Dilma.

---

#### ÁUDIO

---



Homem 1: Senhores ministros, a situação piorou. Eu convoquei essa reunião de emergência. Infelizmente, um de vocês vai ter que ser demitido.

---

Figura 5: Temer episódio “Reunião de emergência 2”

A articulação do PMDB junto a outros partidos também é citada no vídeo “Delação”. Na ocasião, o deputado que realiza a delação diz que a reunião em Paris foi um encontro de aliados entre o partido e o PSDB. No vídeo Alianças, duas figuras representativas do partido são citadas. A primeira é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC). No vídeo, Fernandinho, como é chamado no episódio, diz que será denunciado no programa Fantástico pelo esquema de gerenciamento de águas de São Paulo. O uso de FHC não foi em vão. Nas duas campanhas eleitorais para presidência em que saiu vitorioso (1994 e 1998), a promessa de transposição do rio São Francisco foi firmada.

Num segundo momento do episódio Alianças, o senador mineiro Aécio Neves é representado. No trecho em que o assessor explica o que o “querido senador” está fazendo ali, Dilma faz questão de dizer que o derrotou na eleição, mas é interrompida e toma conhecimento de que o oponente possui mais apoio e alianças, e, portanto, irá governar no seu lugar. O processo de representação de Aécio consiste basicamente em mostrá-lo como político que assumiu a oposição, mesmo após ter reconhecido a derrota nas urnas.

A política de coalizão é retratada com mais destaque no episódio “Alianças”. O vídeo “Alianças” ilustra um cenário complexo para a ex-presidente Dilma. A sequência de manifestações contrárias ao governo e as articulações de Cunha no chamado “blocão” fizeram com que Dilma tivesse que ceder muito para manter a base aliada.

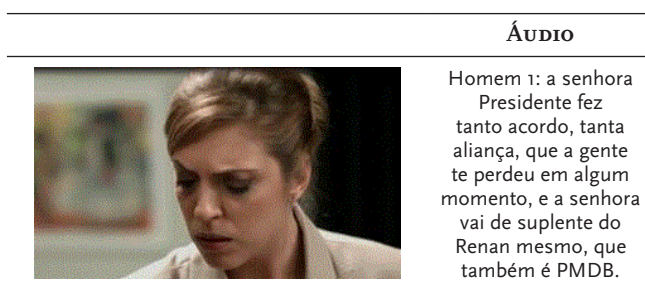


Figura 6: Política de Coalizão – episódio “Alianças”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi entender como personagens e eventos políticos foram representados nos episódios do grupo *Porta dos Fundos* e se existia algum favorecimento político-partidário. Como resultado, pode-se perceber que a raiz histórica do humor de satirizar quem detém o poder se manteve na websérie. Ao selecionar o recorte do governo Dilma, entre os anos de 2013 e 2016, nota-se que a presidente e seu padrinho político, Lula, foram os alvos centrais. No caso das amostras selecionadas, os aspectos se revezavam, mantendo sempre como foco as ações dessas autoridades e seus reflexos junto à população.

No entanto, os episódios analisados também mostram a habilidade de trazer antigos escândalos, ou, mesmo, de escancarar questões políticas que pertenciam apenas aos bastidores. Através de seus roteiros, o *Porta dos Fundos* desconstrói a imagem política e evidencia alguns fatos. Ao reafirmar que manterá seu estilo, independente da aprovação, o grupo reforça um discurso comum entre os humoristas contemporâneos: a piada precisa ser levada menos a sério, pois é o que está sendo satirizado que importa, não quem satiriza.

Por fim, é clara a dominação da ironia e do sarcasmo na representação dos personagens e eventos políticos por parte do *Porta dos Fundos*. A

incredulidade na classe governista se revela em todos os roteiros analisados da amostra.

## REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: 70.
- Bergson, H. (1983). *O riso*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1927). O humor. In S. Freud, *Edição standart das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Helitzer, M. & Shatz, M. (2014). *Como escrever humor*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- Lei Nº 12.815, de 5 de Junho de 2013. República Federal do Brasil. Retirado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12815.htm)
- Magalhães, H. M. G. (2008). [...] e o negro amarelou: um estudo sobre o humor negro verbal brasileiro. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil.
- Medida Provisória Nº 595, de 6 de Dezembro de 2012. República Federal do Brasil. Retirado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Mpv/595.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Mpv/595.htm)
- Pasqualin, V. da C. (2014). Os desafios da produção midiática na década de 1940: o caso do artista-comunicador José Medina. In *Anais do 10º Encontro Internacional de Música e Mídia* (pp. 356-373). São Paulo: Universidade Paulista. Retirado de [http://musimid.mus.br/10encontro/wp-content/uploads/sites/4/2014/12/10encontro\\_4\\_pasqualin.pdf](http://musimid.mus.br/10encontro/wp-content/uploads/sites/4/2014/12/10encontro_4_pasqualin.pdf)
- Popularidade de Dilma cai 27 pontos após protestos (2013). *Folha de São Paulo*. Retirado de <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>
- Santos, R. E. dos & Rossetti, R. (2012). *Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências*. São Paulo: Paulinas.
- Simões, A. C. (2010). 170 de caricatura no Brasil: personagens, temas e fatos. *Revista Linguagens*, 15(1), 1-19. Retirado de <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao15/005.pdf>
- Slavutzky, A. (2014). *Humor é coisa séria*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.

Teixeira, M. A. C. (2004). Negociação Política e Interação Executivo/Legislativo - a gestão Paulo Maluf na cidade de São Paulo (1993-1996). *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, 9, 1-73.

Citação:

Fernandes, C. M. & Lima, P. C. (2019). A representação da política brasileira na websérie humorística *Porta dos fundos*. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 465-478). Braga: CECS.